

Os CIEP — objetivo central do programa de governo de Brizola

Jorge Maranhão*

No programa nacional do PDT, durante uma hora de televisão, Brizola explica o seu plano de governo. Mede a sua própria compreensão da realidade nacional com os desatinos do governo federal. Cobra do Plano Collor a dimensão e os objetivos sociais a que deve estar subordinado todo e qualquer plano de governo. Brizola esmiúça o seu plano de governo e concentra todas as suas preocupações e ações no programa dos Centros Integrados de Educação Pública, os chamados CIEP. Plano multiplicado, na verdade, por três governos eleitos para três importantes estados da Federação. E mais: as prefeituras das grandes cidades, cujos titulares, eleitos pelo PDT, Brizola também convida para fazer parte da mesa em conjunto com os governadores e o senador Darcy Ribeiro, todos a cantar e decantar em uníssono o projeto social da educação pública.

Enquanto Brizola tem uma bem fundamentada concepção política e cultural da realidade nacional, Collor tem apenas um *insight*. O que fica claro é que uma boa estratégia de marketing pode ter levado Collor à Presidência da República, mas não o levará necessariamente a um bom governo. Collor pode ser um político na moda e Brizola *out of fashion*, mas a questão é que a moda exprime apenas um momento de toda a dimensão cultural de uma nação e não a sua mais substantiva essência. E enquanto o governo de Collor vai-se revelando sem sentido, o projeto de Brizola vai ganhando relevância social. Porque Collor significou tão-somente o fastio de um povo contra a sua classe governante. Apenas o enjão diante de uma velha e requentada prática de abuso do poder e de desrespeito ao cidadão por parte das elites dirigentes. O que falta a Collor sobra em Brizola. E o que falta a Brizola é demais em Collor. Se Collor, subjugado pelo economicismo em voga, reduz a política às artes do marketing é porque reduz toda uma nação à mera noção de mercado. Enquanto Brizola está buscando na política uma expressão maior de todo um ideal de cultura brasileira, que não pode ser tomada apenas como a cultura predatória da classe dominante, a cultura da inflação e do gosto de sempre levar vantagem.

O próprio Alcení Guerra, o único ministro de Collor preocupado com o sentido social de sua ação política, já declarou que não há muitas diferenças essenciais entre as ações políticas de Collor e de Brizola, no que consiste, por exemplo, na crítica à injustiça social brasileira. A diferença é que Collor se preparou para ganhar as eleições, enquanto Brizola se preparou para governar. Se Collor e Brizola estão em desacordo em questões de método e de meio, como a concepção e função do Estado, a forma de governo, a ação administrativa, a origem do processo inflacionário, as políticas econômica, militar e de relações exteriores, ambos estão a bater pesado contra a índole perversa e gananciosa da burguesia nacional, ambos querem resgatar os miseráveis para o convívio social e o

exercício da cidadania. A questão é que Brizola tem um plano de governo e Collor um plano de marketing. Enquanto Collor bate nas elites para tentar devolver em benefícios sociais os votos que conseguiu dos descamisados, Brizola simplesmente as desconsidera para o exercício de sua autoridade governamental e a realização de seu programa social.

É um objetivo social claro que falta à argumentação do discurso de Collor, não só para com os descamisados mas também para com os estamentos médios da sociedade que terão o papel de avalizar a argumentação do governo. Porque ninguém enfrenta sacrifícios a troco de nada. E a justiça deve ser o tom dominante sobre o discurso economicista porque é visível, sensível e mensurável no bolso de cada cidadão. Embora argumente bem batendo nas elites, esta não é a argumentação indicada para o exercício do poder. Porque a classe média entende que, na verdade, não tem tanto poder quem precisa bater nos poderosos para exercer o poder. Quando o que está em jogo é o próprio sentido de autoridade do poder, que não apenas promete mas efetivamente leva à justiça e pune os que abusam do poder econômico.

Collor está pressentindo que o seu marketing não chega para argumentar não só com os descamisados mas também com os encasacados. Enquanto Brizola terá a chance, talvez a última, de argumentar com a grande maioria que faz opinião neste país, os que simplesmente se vestem de camisas e camisetas mas podem sustentar politicamente um governo. Como já se disse, em política não existe vácuo, alguém sempre ocupa um espaço perdido por outro. Na argumentação e na comunicação política também. A mídia sempre cobre melhor os argumentos que levantam a maior audiência. E no Brasil não existe mais audiência para planos ou pacotes, ou o discurso estéril e hieroglífico do econômico. Brizola sabe que não pode deixar a sua maior obra política no vácuo da argumentação política de Collor. Se tem desprezo pelas técnicas de marketing de seu opositor, que se revelam sem eficácia de comunicação no governo — exatamente porque não possuem um projeto social definido como objeto de argumentação —, convém que não subestime a necessidade urgente que toda uma vasta faixa de opinião, localizada entre os setores descamisados e os encasacados, tem em ser ouvida e considerada como público prioritário da comunicação do governo. Se o programa dos CIEP é o maior projeto social de Brizola, e para o qual convergem todas as ações de seu governo, convém que seja igualmente o mais bem definido objeto de argumentação social, o melhor projeto de comunicação de seu governo. Para tanto é primordial concebê-lo dentro do clássico e democrático conceito grego de *Paideia*, que o nosso senador Darcy Ribeiro, intelectual ilustre, sabe se tratar não apenas de um programa de educação básica, privilégio das crianças sem voto nem opinião, mas sim compreendê-lo como um ideal de formação global do homem para o exercício

pleno de sua cidadania, onde não só todas as suas necessidades sociais como alfabetização, higiene, saúde, alimentação, esporte, justiça, trabalho, etc. são atendidas, mas acima de tudo a garantia da oportunidade de participação na riqueza nacional, seja através da distribuição indireta da renda, seja pela capacitação do homem a buscá-la livremente.

Longe de ser uma idéia de difícil entendimento, os CIEP enquanto *Paideia*, devem ser uma idéia dirigida sobretudo aos setores médios da opinião pública, que poderão estabelecer um novo e profundo entendimento e repactuação do contrato social brasileiro,

uma justa trégua na perversa guerra de surdos entre os descamisados e os encasacados. Como objeto de comunicação política, os CIEP, enquanto *Paideia*, são acima de tudo a grande oportunidade de comunhão brasileira entre os governos e seus governados, na medida em que a comunicação se construa dentro da lei básica de toda argumentação socialmente convincente e nos responda o que é que temos a ver com isso, através da necessária e boa técnica e arte da comunicação, que é dever do Estado e direito do cidadão.

* Publicitário e mestre em Estética pela UFRJ.